

FLIT

FESTA LITERÁRIA DE TANGARÁ DA SERRA

Histórias que fazem História

HISTÓRIAS CONTADAS

12 A 14 DE MAIO DE 2021

REALIZAÇÃO

Lei Aldir
Blanc em
Mato Grosso

SECEL
Secretaria de
Estado de Cultura,
Esporte e Lazer



Governo de
**Mato
Grosso**

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO



PÁTRIA AMADA
BRASIL
GOVERNO FEDERAL

AUTOBIOGRAFIA DE LEITOR

SANTOS, Liliane Lenz dos¹

*Aquilo que é sentido e vivido ecoa no coração (o corpo)
e no espírito do leitor: não há leitura forte sem ser sensível.*

Annie Rouxel

Meu nome é *Liliane Lenz dos Santos*, sou leitora de nascença. Amo ler. Amo livros. Amo literatura, mas não todas, sou uma bibliófila.

Minha história com a leitura teve início bem cedo, quando minha mãe engravidou, meu pai descobriu um câncer no cérebro, então nos dois próximos anos, depois do meu nascimento minha mãe vivia em hospitais e eu na casa de uma tia e ela me contava lindas histórias de livrinhos infantis. Nessa casa havia muitas coisas que me encantavam, mas a estante de livros era a melhor, eu transitava por eles com toda liberdade, mas tinha um quarto que me era proibido, o quarto do meu primo.

Esse quarto era meu sonho de consumo, porque nele havia uma coleção completa de gibis, os quais o primo morria de ciúmes, mas eu morria de desejo. Segundo Rouxel (2013) “O primeiro elemento que merece reflexão é a importância do desejo e do afetivo na construção do sujeito como leitor”. Quando ele saía, me trancava lá dentro e lia, melhor, devorava cada um daqueles gibis. Foi ali que comecei a construir meu mundo imaginário.

Percebendo o meu prazer em ler, minha mãe, que era professora formada pelo Mobral, comprou uma coleção de 10 livros chamada *As Belas Histórias da Bíblia*. Eram livros grandes de capa dura e com muitas ilustrações sobre as histórias bíblicas. Eu montava uma cabana com as almofadas do sofá, me colocava dentro dela, somente com a cabeça para o lado de fora, durante o inverno do Paraná, e lia horas seguidas, maravilhada com as histórias e as imagens que conhecia.

O tempo foi passando, minha mãe, por passar dificuldades extremas a ponto de não ter o que comer, casou-se novamente quando eu era apenas um bebê de 4 anos. Fiquei muito feliz com a novidade, tive alguém a quem chamar de pai, mas ele não via a mim ou à minha irmã como filhas, então, para evitar o pior, a minha querida mãe ficou sozinha mais uma vez.

Durante a adolescência meu local preferido na escola era a biblioteca, na verdade uma sala com uma estante e muitos livros bagunçados. Ali, li a Coleção Vagalume, conheci Pimpa, a protagonista do livro *Sozinha no Mundo* e tinha tanto medo de perder minha mãe, como ela perdeu a sua. Li *O escaravelho do Diabo*, o livro mais eletrizante até aquele momento, que contava a história de Foguinho e de duas gangues no interior de São Paulo e fiquei extasiada quando descobri que o chefe das duas era a mesma pessoa e fazia com que a crianças se matassem por mais dinheiro. Levo a emoção desse livro até hoje, lembrando da tensão que tive ao ler a história. Foi nessa época que também vivi a aventura de Henrique e Eduardo, na *A Ilha Perdida*.

Vivia intensamente essas histórias e toda semana trocava de livros, mas na sala de aula não era uma aluna exemplar e tinha muita dificuldade em matemática, então o Conselho, para me dar uma lição, tirou o que eu mais gostava, os livros.

¹ Mestre em Estudos Literários pela Universidade do Estado do Mato Grosso, UNEMAT, liliane.lenz@unemat.br

No Ensino Médio fui para um colégio interno, no Paraná. Antonio Candido (2011) diz que todo ser humano tem necessidade de ficção e fantasias e eu não era diferente. Supria minhas necessidades através dos livros e novelas, mas nesse novo ambiente a televisão não era permitida, foi aí que me apeguei ainda mais à leitura. A biblioteca desse colégio (IAP) era perfeita, espaçosa, cheirosa, confortável e cheíssima de livros interessantes. Ainda hoje sinto o cheiro desse ambiente, lugar que passava horas fazendo amizade com novos personagens, tentando suprir a falta que a minha mãe me fazia.

Foi aí que me aproximei dos clássicos da literatura. Minha primeira viagem foi com *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, porque adorei a sua abertura, oferecendo sua carne aos vermes, mas confesso que não entendi muita coisa naquele momento. Nessa ocasião eu lia por prazer e por status, pois os professores me elogiavam por estar lendo pelos corredores e jardim do Colégio e eu me orgulhava diante dos colegas.

Por muitos livros me apaixonei, por outros não criei nenhuma empatia, comecei a entender que não precisava gostar de tudo, como por exemplo de poesia, poderia sim selecionar aquilo que lia e não havia problema nenhum em não apreciar alguma obra. Estava criando assim a minha identidade literária.

A noção de identidade literária supõe, pois, uma espécie de equivalência entre si e os textos: textos de que eu gosto, que me representam, que metaforicamente falam de mim, que me fizeram ser o que sou, que dizem aquilo que eu gostaria de dizer, que me revelaram a mim mesmo. Essa noção requer e estabelece a memória de textos que perfizeram um percurso – evoca um universo literário – mas inclui também uma relação com a língua, com a escrita e com a singularidade do modo de ler, [...]. (ROUXEL, 2013)

A fase adulta chegou, fiz faculdade de Pedagogia e depois Letras. Na faculdade de Letras conheci uma professora que me ensinou a ler em voz alta de maneira teatral. Ela leu *O Crime do Padre Amaro* e confesso que através do timbre da sua voz, a entonação nos momentos adequados, os gritos e sussurros diante dos acontecimentos me fizeram viver de maneira completa aquela obra e confesso que odeio aquele padre até hoje.

Iniciei minha carreira como professora, a escola que lecionava não tinha biblioteca, então reuni os meus livros e pedi outros para a coordenação e amigos e juntei uns 50 ou 60 livros, procurei ler todos para indicar aquilo que seria interessante a cada aluno. Durante essas leituras uma me marcou pelo acontecimento mundial que foi a queda das torres gêmeas. No dia 11 de setembro de 2001 eu estava em casa lendo o livro *Aquele livro no sótão*, quando chegou o meu marido com a notícia bombástica.

Eu mesma emprestava os livros aos alunos durante o recreio, lia com eles na sala de aula e pedia que comentassem sobre o que haviam lido. “O desejo de ler ou reler é um desejo de conhecimento que nasce de uma vontade de compartilhar com os outros leitores, e a palavra desempenha um papel essencial”. (ROUXEL, p.70, 2013). Eu lia e os ouvia, assim procurava despertar neles a paixão pela leitura. A direção percebeu o rápido desenvolvimento dos alunos, criou um programa de arrecadação e compra de livros, montou uma bonita biblioteca, com uma bibliotecária à disposição de todos.

Segundo Candido (2011);

A fantasia quase nunca é *pura*. Ela se refere constantemente a alguma realidade: fenômeno natural, paisagem, sentimento, fato, desejo de explicação, costumes, problemas humanos, etc. Eis porque surge a indagação sobre o vínculo entre a fantasia e a realidade, que pode servir de entrada para pensar na função da literatura.

Mesmo sendo humanizada pela literatura e procurando fazer o mesmo pelos meus alunos, desconhecia a teoria sobre a humanização do texto, como também que existia a literatura de massa e a literatura emancipadora e foi no Mestrado que essas cortinas foram

abertas, e a partir de então senti um forte desejo de ler ainda mais, conhecer ainda mais, para proporcionar melhores aulas aos meus alunos.

A pedido deles criei um grupo de whatsapp e enviava diariamente 10 minutos de leitura em áudio de um livro que eles escolhiam, nomeamos o grupo de Li Literatura. As pessoas do grupo começaram a pedir os livros lidos anteriormente à sua entrada, então criamos um canal de leitura no youtube, também chamado Li Literatura, que tem atualmente 331 inscritos. Nesse canal faço resenha de livros literários, como também posto os áudios das obras completas, assim o ouvinte/leitor pode conhecer, se deleitar com uma obra literária enquanto faz uma atividade mecânica.

O Mestrado ampliou meus horizontes de expectativa, foi na disciplina de Literatura Infantil que me reencontrei com Lygia Bojunga no conto *Tchau*, momento em que me apaixonei por todas as suas obras, naquele momento entendi como a literatura é poderosa em nos fazer entender a nossa própria realidade diante da ficção. Conheci várias outras obras que me fizeram pensar no espaço ao meu redor.

Durante o doutorado tive contato com várias obras, das quais muitas não conhecia, mas que de maneira especial mexeram comigo. Dentre essas obras algumas me trouxeram reflexões íntimas, como *O alegre canto da perdiz*, de Paulina Chiziane, me fazendo pensar sobre o abuso da colonização portuguesa, quando adentraram, rasgaram violentamente a África, abusaram do seu povo, machucaram suas mulheres, mas eles sobreviveram, e estão construindo uma identidade de luta e vitória.

Conheci *É isto um homem?*, de Primo Levi, que deveria ler um capítulo, mas para compreendê-lo comecei a ler o livro e depois não consegui mais parar. Passei a enxergar a Segunda Guerra Mundial por um prisma diferente, mas da mesma forma abusivo e repugnante. Visitei a floresta *Mayombe*, com Pepetela e me completei com as atitudes da camarada Ondina e de Sem Medo e conheci muitas outras obras encantadoras.

Minha identidade literária está ainda em construção, nos muitos livros que já li e de que muitos não me recordo e naqueles que ainda lerei, tenho uma lista já adquirida e outra para comprar, pois “o leitor encontra sua vida singular no plural do texto, e a literatura, em razão de seu jogo metafórico, lhe permite exprimir os eus diversos de que é feito”. (ROUXEL, 2013). Na literatura encontro os meus eus e sou feliz.

BIBLIOGRAFIA

CANDIDO, Antonio. *Vários Escritos*. 5. Ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

ROUXEL, Annie; LANGLADE, Gérard; REZENDE, Neide Luzia. (orgs.). *Leitura subjetiva e ensino de literatura*. São Paulo: Alameda, 2013.

A HISTÓRIA DE UMA BORBOLETA

SANTOS, Liliane Lenz dos¹²

Lisy era uma linda borboleta que nasceu em um belo jardim, e estava sempre rodeada da família e borboletas amigas. Ela era uma borboletinha especial, a caçula de sua casa, tinha cores vibrantes de verde, vermelho e amarelo nas asas, vivia sempre alegre e passeando pelas flores daquele lugar.

Certo dia o céu ficou escuro, as nuvens mais densas e então veio uma grande tempestade, trovões e relâmpagos assustaram todos os moradores do jardim e cada um se ocupou em proteger e cuidar do lugar onde vivia, mas o jardim ficou devastado, as flores foram amassadas e quase sumiram, alguns insetos se aproveitaram para tirar daquele jardim tudo o que podiam. Quando a turbulência passou, as borboletas chefes foram verificar o que restava do local e perceberam que era possível reconstruí-lo. Andando por ali viram uma certa borboletinha caída no chão, era uma borboleta de asas vermelhas, verdes e amarelas, porém a parte verde da sua asinha estava machucada e ela não conseguia voar. As borboletas chefes correram e pegaram a borboletinha no colo e dela cuidaram com muito carinho.

Lisy estava melhorando, mas tinha medo de voar novamente, seu irmão borboleta a incentivava e cuidava dela para que a mamãe borboleta pudesse trabalhar. A irmã borboleta a ensinava a cuidar do lar e assim os dias foram se passando até que a família de borboletas pudesse ter um lugar seguro pra morar outra vez.

A borboletinha da asa quebrada foi crescendo e sua asa melhorando, ela gostava de visitar as flores por perto, sonhava com o dia que pudesse voar mais alto e mais longe, mas tinha medo de que sua asa não fosse suportar tamanho esforço, e assim, de sua flor preferida, uma margarida amarela e branca, observava a vida passar.

Seu irmão Bobby foi caçado pelos colecionadores de borboletas, eles o perseguiram durante meses, pois era uma borboleta rara, mas ele conseguiu escapar. Luly, a irmã borboleta se borboleteou para outro jardim e teve uma linda borboletinha pra cuidar.

O tempo passou. Lisy cresceu e o medo de conhecer novos jardins ainda estava presente em sua vida, tão grande quanto sua vontade de sair e explorar a natureza, até o dia em que conheceu Romeu. Ele percebeu as cicatrizes na asa da sua amiga e quis saber sua história, ela contou da tragédia na infância e ele mais do que depressa se pôs a ajudar. Procurou todos os tipos de remédio, mas o que funcionou de verdade foi o amor que dedicou a Lisy, como também o incentivo de que ela poderia ir onde quisesse, nas mais altas colinas, pois ele sempre estaria por perto para protegê-la, mesmo que viessem outras tempestades, ele estaria junto para cuidar dela, por isso resolveram se casar.

Lisy começou a alcançar seus objetivos, conheceu jardins e flores que ficavam em lugares espetaculares, até que certo dia, pousada em uma rosa vermelha avistou um belo jardim, mas ele estava longe e ela imaginou que ali nunca conseguiria chegar.

Todos os dias Lisy e Romeu iam até aquela roseira para admirar o jardim que causava tanto desejo na borboleta, mas o medo da incapacidade não a deixava avançar, até que um dia Romeu lhe disse:

____ Vai. Eu estarei junto de você, talvez não do lado, mas torcendo pra que tudo dê certo! Não tenha medo!

² Mestre em Estudos Literários pela Universidade do Estado do Mato Grosso, UNEMAT, Liliane.lenz@unemat.br

___ E quanto a essa lagartinha que está no casulo? Somos responsáveis por ela!
___ Ela ficará bem! Temos amigos queridos que nos auxiliarão enquanto você estiver viajando e sua mãe é maravilhosa e disse que também pode nos ajudar.
___ Mas... e minha asa, será que aguenta?
___ Olhe para ela, a parte verde já cicatrizou. Há esperança! Vá e trace uma nova história!

Ela se empolgou e começou a se preparar para a viagem de seus sonhos, começou a arrumar sua mala, mas esta ficou muito pesada e Lisy viu que era muito longe e com aquele peso não conseguiria chegar. Nesse momento Ely, uma borboleta amiga que já havia andado pelo jardim desejado, falou a Lisy:

___ Vamos reorganizar sua mala, ela ficará mais leve e assim você vai conseguir chegar no belo jardim.

As duas refizeram a mala, a arrumação ficou joia e Lisy partiu, enquanto Romeu organizava tudo para que ela ficasse protegida, mesmo estando em um lugar diferente. Lisy usou todas as suas forças e chegou ao tão sonhado jardim, lá ela olhou, cheirou as flores, se encantou com todas as novidades e conheceu Ary, uma abelha muito poderosa, que sabia tudo daquele lugar e que se propôs a ajudar Lisy a explorar todas as maravilhas que um jardim pode oferecer. Lisy gostou muito da companhia de Ary, mas eles eram de espécies diferentes, ela uma sensível borboleta e ele uma abelha com ferrão.

Ary levou Lisy por todos os lugares daquele jardim, muitas vezes ela tinha vontade de desistir do passeio porque Ary lhe dava fortes ferroadas, mas com o tempo ela entendeu que todos aqueles ferrões lhe tornaram mais forte e que ele fazia aquilo porque queria o seu bem, assim, com a ajuda dele, ela conseguiu explorar o máximo daquele lugar encantador.

Durante seu passeio Lisy conheceu várias outras borboletas que também estavam viajando por ali e se divertiu muito com elas, mas sua grande amiga foi Lena, ela era amarelinha e vivia em bando, sempre bem arrumadinha e super charmosa.

Um dia o passeio chegou ao fim, Lisy não via a hora de voltar pra casa, sabia que Romeu a estava esperando, e melhor, sabia que a lagartinha já estava fora do casulo e era um machinho perfeito, seu nome era Yan.

Antes de partir, Ary lhe deu os últimos conselhos, se abraçaram e se despediram com a certeza de que construíram uma forte amizade. Ela bateu suas asinhas e voou alto, feliz por ter conseguido realizar tantos sonhos naquele lugar. Ao chegar em seu lar, teve uma grande surpresa. Todos a esperavam felizes e com uma bela festa.

Lisy abraçou e beijou a cada um que estava ali e fez um agradecimento em público dizendo assim:

“Os sonhos devem ser vividos. Eu sonhei em voar alto e longe, mas sozinha nunca seria capaz, por isso agradeço primeiramente a Deus porque Ele me criou e me salvou. Agradeço aos meus familiares, ao meu marido, que suportou a distância e mesmo de longe me protegeu, cuidou do nosso filho e ainda me deu forças quando estava precisando. Agradeço à minha mãe, aos meus irmãos, ao meu orientador, aos meus amigos... todos vocês fizeram o meu sonho se tornar realidade. EU AMO VOCÊS!!!”

Todos se abraçaram e se emocionaram e assim viveram felizes para sempre. Ou até Lisy querer viajar para um lugar ainda mais distante....

AS PEQUENAS COISAS

ANDRADE, Brenda Kauane Gomes³

Eu amava ir a capital, tudo era tão bonito. As cores, culturas, ideias e artes se misturavam e se tornavam uma só. E em um desses passeios, fui a um shopping recém-construído em companhia de meu pai, logo fiquei assustada com o tamanho do prédio, era algo novo para mim.

Eu estava à procura de um livro que me chamasse atenção, fazia tempo que não encontrava algo novo, mas, ao mesmo tempo, familiar para a minha imaginação. O shopping era muito grande, onde eu olhava, me deparava com jovens rindo com seus amigos, pais e filhos, pessoas entrando e saindo de lojas. Até que consegui observar um casal de idosos. Algo me chamou atenção, talvez foi o jeito que eles caminhavam juntos de mãos dadas ou o olhar dele ainda tão apaixonado por ela. Eles andavam tão calmos, como se o tempo tivesse parado, porém, em volta deles tudo estava acelerado como de costume. Acho que ninguém além de mim percebeu a presença deles, nem mesmo meu pai, pois estava entretido na procura de um bom livro para mim e um presente para meu irmão.

Com tanto movimento no lugar, o perdi de vista, decidi voltar para meu devaneio e em minha busca pude refletir um pouco. Estava tudo bem, eu sabia que era mais um dia como outro. Mas o que estava diferente? Por que só naquele momento comecei a reparar nos detalhes? Nas pequenas coisas?

Afastei esses pensamentos da minha cabeça quando percebi meu pai rindo do meu atraso para subir na escada rolante. Sorri dizendo “isso não é do meu feitio”, ele riu concordando. Como nunca percebi o quanto a risada dele é engraçada e solta?

Subimos em direção ao piso de cima. Algo chegou rápido aos meus ouvidos, um som doce e animado. Me soltei da mão do meu pai para escutar e mais adiante encontrei seu dono que provocara a melodia. Havia um moço com um saxofone sentado na frente de uma loja com um chapéu no chão e dentro dele alguns trocados. Por que tinha tão pouco dinheiro no chapéu? Ele era um grande músico! Como as pessoas não estavam paradas admirando? Será que eles não entendiam a importância daquilo? Era arte pura! É claro, eu e meu dia estranho!

Não sei por qual motivo isso me afetou tanto. Fui tomada de um sentimento de gratidão e benevolência... O ritmo era calmo e simples, nunca tinha escutado nada parecido na minha cidade ou não tinha dado importância? Por aqueles quatro minutos, esqueci de tudo e só foquei na música. Encontrei meu pai umas cinco ou seis lojas a frente, ele estava segurando um livro e veio me mostrando todo animado e retribuí a animação.

¹ Estudante do ensino fundamental II do Centro Municipal de Ensino Antenor Soares. Texto autoral.
brendakauane.ga@gmail.com

CONFORTO DESCONFORTÁVEL

ZANATTA, Luísa F.⁴

Hoje, pela primeira vez, decidi pedir comida por delivery. Me veio a memória os tempos passados. Se não quisesse fazer comida, teria que me dar ao trabalho de buscá-la ou até mesmo comer fora.

Mas isso agora mudou, assim como diversas outras coisas, a fim de poupar energia. Tudo graças à tecnologia e à geração que proporciona isso.

O ser humano é movido pela ideia de tornar a vida mais confortável. Desde a revolução industrial. Ou até mesmo algo mais simples, como trocar uma bicicleta por uma moto, e mais tarde, por um carro, a prol de comodidade.

Eu mesma sou assim. É o instinto. Não importa se fará bem ou mal. O que importa é o conforto. O problema é que as pessoas não sabem dosá-lo.

Como podemos julgar? Afinal, pensar na maneira de como vamos ficar mais cômodos com as situações comuns já é trabalhoso. Em algum momento teremos que nos mexer. Tal coisa é angustiante para a espécie humana.

Após esses pensamentos, desisti de pedir comida e fui fazê-la. O conforto passou a me incomodar.

⁴ Estudante do 9º ano, no Centro Municipal de Ensino Anterior Soares. E-mail: luisa.feronato.zanatta@gmail.com

VERMELHO LUTO

OLIVEIRA, Adilson Vagner de⁵

Depois de dois dias seguidos de chuva persistente, aquele dia parecia-se diferentemente especial para Elza, até mesmo a chuva percebera isso e decidiu ausentar-se por um tempo. O dia carecia de um traje marcante que pudesse sintetizar a subjetividade paradoxal do ser humano, toda aquela luminosidade da manhã surgiu como uma digna premiação ao momento mágico e extremamente particular da preparação física e mental de Elza.

- __ Não se aprontasse ainda, Elza?
- __ Oxente! Marquei hora com ninguém não, visse!
- __ Mas promettesse a teus filhos que ia estar lá.
- __ Eu disse que iria ver aquele traste antes da terra quente esconder-lhe a cara. Só isso.
- __ Não fale isso, mulher. João é pai de teus filhos.
- __ Deixe-me aqui quieta que vou decidir se apareço por lá.

A conversa com sua irmã teve lugar na pequena sala da casa em que Elza passara quarenta anos dos seus completos cinquenta e cinco, feitos no último dia de São José. Diziam os mais velhos da família que Elza nascera em dia de santo para honrá-lo até o dia de sua própria morte. E de tal honraria sempre se orgulhou, proclamando desde mocinha a todos do bairro o quanto a vida digna lhe era uma missão divina. Havia de respeitar a família, aos futuros filhos e marido por todo o domínio do juízo. Recolheu-se em seu quarto, um reino agora de um monarca só. Pôs-se em pé diante do antigo guarda-roupa de madeira envernizada que havia ganhado do tio como presente de casamento, sua festa de debutantes havia sido substituída por um voto de fidelidade ao noivo recomendado pelos pais desde a infância até que a morte os separasse para todo o sempre. A escolha da roupa era de uma profunda emoção, não esperava usar aquela peça tão logo, o havia comprado numa feira de roupas em Caruaru há mais de cinco anos. Ao mesmo tempo em que lhe encantara a cor do vestido, jamais havia conseguido usá-lo de fato, faltava-lhe um momento de celebração especial, talvez para festa de bodas de ouro pudesse surpreender a todos com a elegância e a leveza que aquele tecido rubro oferecia. No fundo do móvel, um pouco abaixo das colchas da cama de casal, o segura em suas mãos, depois de anos de expectativa de poder sentir enfim o sabor do pigmento que todos lhe diziam ser a imagem da paixão. Talvez não tenha tipo tempo para provar desse sentimento em todas as suas nuances, desde sua jovem consciência, encontrava-se dividindo aquelas colchas, as memórias lhe eram mais coletivas do que somente suas. De pronto, os filhos lhe ocuparam rapidamente todos os espaços da vida e dos sentimentos, nem pôde experimentar o vestido de quinze anos, como era de costume na região, desejava muito poder desfrutar de sua juventude como os moços do bairro faziam, queria dançar nos bailes de comunidade. Casou-se... sem cores, sem baile, sua pureza lhe exigia branco, como símbolo, era o que a tradição dizia.

Arrumou-se lentamente naquela manhã. Havia tempo para passar sobre a pele, os cremes e perfumes que mantinha dentro do guarda-roupa, junto com as peças do casamento, branco, sem baile, mas raramente os usava, a cumplicidade com o cônjuge não lhe permitiu muitos feitos fora da humilde residência. O marido costumava lhe dizer “sem esses cheiros de mulher da vida, gosto ao natural, uma esposa deve ter cheiro de

⁵ Doutor em Ciência Política. Instituto Federal de Mato Grosso- Campus Avançado Tangará da Serra.
E-mail: adilson.oliveira@tga.ifmt.edu.br

família”. Depois dos banhos de honradez, pôde pôr sobre o corpo, aquele vestido, de momentos especiais. Este era um momento especial, merecia aquela luminosidade de fogo agora sobre sua própria pele. Ajeitou o cabelo, um pouco ainda úmido da preparação. Dirigiu-se para a porta da sala. E da calçada de sua sempre residência de mulher casada, sentou-se na cadeira de descanso que costumava desfrutar somente nos fins de tarde. Hoje, o dia lhe pedia para sentar-se de manhã, e o fez. Com toda a beleza e serenidade que a experiência vivida lhe havia concedido ao longo de seus cinquenta e cinco anos, podia sentir o próprio cheiro suave que exalava de sua pele amaciada pelos cremes de erva-doce, mantidos para momentos de ver a vizinhança. O vestido de paixão assentava-se sobre o corpo de Elza na cadeira, como em um desfile, sua participação nesse dia seria apenas de observação, apreciação. Sabia que o cortejo passaria em sua rua, bem próximo das onze horas. Aguardou, cruzou as pernas, ajeitou as dobras sobre o colo, e esperou que João passasse. Infelizmente, ele não poderia vê-la tão deslumbrante e encantadora, pronta para a festa, para o baile. Entretanto, era uma despedida, havia luto. Escutou os cânticos das senhoras da igreja aproximando-se. Sorriu.

As lembranças do último inverno ainda lhe eram fortes, diante dos olhos ainda conseguia ver as cenas da morte de seu matrimônio. A cidade pequena do sertão não oferecia condições para que o esposo, sapateiro, pudesse exercer o ofício com segurança para sustentar a esposa, era o que lhe dizia João, antes de decidir passar as semanas trabalhando na plantação de cana de açúcar da cidade vizinha, demasiadamente distante para o retorno diário, preferia voltar somente aos finais de semana. As palavras de João sempre lhe pareceram banhadas cumplicidade. Precisava trabalhar em algo que lhe fornecesse a renda suficiente para manter a todos. Embora, tivera a vida toda a mesma profissão do pai, decidira que seria necessário exercer outro serviço, trabalho de fazenda, como centenas de outros moradores da cidade. Elza não poderia lhe contestar, não havia feitos votos em sua juventude para isso, aliás, não saberia como fazê-lo, devia seguir a decisão do marido. E por quatro anos o aguardou. Como uma Penélope do sertão, esperava a chegada semanal do esposo, vindo da árdua batalha da sobrevivência no interior. Sentia muita pena de João, apesar da idade avançada, era preciso ainda trabalhar. Cada retorno era marcado pela dedicação e prontidão da esposa em atender às necessidades de descanso do trabalhador recém-chegado.

Numa dessas tardes, a vizinha de Elza, Dona Francisca, aproximou-se da calçada e batendo palmas fortes, chamou-lhe pela entrada da casa.

- __Boa tarde, Elza?
- __Boa tarde, comadre. Entra. Aceita um café?
- __Estou entrando, com licença. Aceito sim.
- __Tudo bem com a senhora?
- __Sim.

A resposta de Dona Francisca sai com grande dificuldade e sem maiores reciprocidades. Sentando-se à beira do sofá, aguardou o café ser servido para que pudesse conversar com Elza com mais calma.

- __Elza? Soubesse de João?
- __Saber o quê? Ele está para a fazenda, trabalhando, volta somente no sábado.
- __Então, era sobre ele que eu queria lhe falar.
- __O que foi?
- __Eu tive a notícia que João, não está em fazenda, não, visse.
- __Está onde ele?
- __Uma conhecida minha me contou que teu marido está morando lá na Cidade Baixa.
- __Como assim, mulher?

__Ele tem outra. Vive por lá há muitos anos.

A feição da senhora se enrijece, o café parece não ser mais bebível. Apenas o silêncio de Elza pode ser sentido na pequena sala de estar do casal. A temperatura da tarde ajuda a produzir suores intensos sobre a face da mulher, surpreendida com a notícia.

__Sabe onde é?

__Sei, sim.

A caminhada na manhã seguinte foi marcada pela respiração ofegante de Elza que cruzara a cidade em busca do sapateiro na Cidade Baixa. A distância não mostrou ser um desafio para a senhora, os passos eram rápidos e firmes, apesar dos desníveis das calçadas, o desejo de encontrar o endereço fornecido pela vizinha parecia ser um aliviador do trajeto. Depois de uma hora e meia de caminhando rumo à sapataria Sagrado Coração, Elza, enfim, chega ao local, conversando diretamente com a atendente da pequena loja de serviços de reparos em calçados, parece não avistar o marido. As duas mulheres conversam rapidamente sobre as necessidades de Elza, havia recebido boas recomendações para encomendar o serviço nessa sapataria.

__A senhora mesmo que faz o serviço?

__Não, não. É meu marido que faz. Ele está lá nos fundos, já está vindo.

__Que bom! Preciso explicar a ele o meu problema.

Entrando pela porta do fundo da sapataria, o homem se depara com sua esposa Elza. Sem poder produzir qualquer palavra. Elza decide fazer uma solicitação a jovem senhora.

__A senhora pode me arrumar um pouquinho de água. Eu vim caminhando debaixo desse sol quente, não sabe?

__Claro, entendo.

Nesse momento, o homem estagnado atrás do balcão não consegue dizer nada, apenas mira a esposa de forma assustada, e sem qualquer fúria estampada no rosto da senhora, inicia um diálogo curto e seco.

__Espero que tu me acompanhe quando eu sair, entendesse?

Com o retorno da atendente da sapataria, a conversa cessa imediatamente, sem existir tempo para contestações. Elza bebe a água com calma, e ao terminar, agradece a atenção dada pelo casal e dirige-se para a calçada, para poder retornar a sua casa novamente. E dobrando a rua debaixo, Elza escuta o chamado do marido.

__Elza! Posso lhe explicar tudinho.

__Pegue tuas coisas em minha casa hoje. Não carece de explicações.

__Mas, devo lhe contar o que se sucedeu.

__Fizesse uma escolha, João. Só isso. Deus há de lhe punir pelo mal que causasse, visse!

__Mas, Elza?

__Se não buscar hoje tuas coisas, amanhã cedo tacho fogo em tudo. Pois, assim com elas, tu também vai queimar no inferno muito logo. Tenho dito.

O retorno a casa seria seguido em silêncio durante todo o trajeto, não havia espaço para palavras, eram desnecessárias após quarenta anos de casamento...

MEA ORÊA MISTERIOSA ATÉ A BASÍLICA, Parte I

MARTINS, Marcio

Toda noite merece um mistério e do mistério seu desfecho. Fica o desafio para antes do termino. Devem estar se perguntando, mas que mistério seria esse? Logo, logo saberão, mas, caro leitor, assim vamos à fábula de hoje na mística do suspense cabível, ou-ou, muito além da imaginação e das asas dadas ao seu poder de criação.

Era uma noite atípica no centro geográfico da América do Sul, Cidade de Cuiabá, uma garoa com finos pingos leves em plena 19h00min, noite antecipada pelo mal tempo, oriundas de sensação de medo, daquele anoitecer silencioso e suave de quedas de pôr do sol repentino, com seus grilos cricrilantes, sapos coaxantes e a dança das quedas *slow motion* das flores das árvores da encantadora primavera, isso sem deixar de citar o andar crepuscular entre a neblina de poucos transeuntes nas ruas centrais, quase que fantasmagóricos; Galdino Pimentel, Ricardo Franco e Pedro Celestino em suas estreitas travessas em redondezas nos calafrios das mesclas das paisagens entre o Centro Centenário Tecnológico Federal, o Cemitério da Piedade, esse que ali abriga almas santas e pecadoras mais antigas do Estado e a supremacia da imponência da Basílica Catedral Bom Jesus de Cuiabá parecendo aquele cenário horizonte-descendente...

Lá vem - Passos largos sobre as pequenas poças d'água da botina de couro pantaneiro, sola de borracha reforçada refeita e a aparente segurança na firmeza de pernadas de que saberia exatamente “o que fazer e como fazer” em pensamentos variados, da dúvida à fé, do medo ao ...

Noite carregada de suspense que vinha trazendo nosso personagem enigmático o Jovem Senhor X advertido do advento da noite anterior de marcas nos ombros do atraso e os vermelhidões nas pontas do eclipse lunar e o alinhamento dos planos, aonde dia e hora marcada, muita coisa poderia mudar, sendo das gentilezas da idade ao ataque furioso, dessa maneira, passos que se alargam, fosse pela chuva, do humor tenso e disfarçado da transformação e também da criança-adulto do inimaginável em noite de culminância ao sobrenatural e suas decisões, medidas por fato.

Pois ao passo dos passos e que o sol caia e a lua chegava micula aos aromas dos ipês floridos, exuberantes das mais diversas flores de pingos de ouro, com o indiscutível odor no ar das mangas maduras, marcando com suas gotas no caminho dos pedidos naturalmente da colheita, ou no deleite dos passarinhos no fato do seu tempo, isso sem atrasos.

Movimentos rápidos e ágeis e em mãos um objeto pontiagudo de cerca de 1m10cm com velhas botas em ação, calça preta jeans, blusão de napa sintética, escura de tons difíceis de saber com exatidão sua cor e a camiseta branca escondida, tal, devido o vento forte e a garoa leve - batimentos acelerados, podendo dizer que chegando a 200 bpm e a da missão de chegar a Basílica Bom Jesus o quanto antes - isso sem deixar pensar na água milagrosa, que poderia ajudar – diário do cotidiano do misterioso sujeito com palpitações incalculáveis na forte dor no peito e toda a pele em transformação em plena dor-chuva-suor no grito sufocado no pedido de socorro, ou, seria;

- Água... Talvez sangue?!...

Antes de tudo isso, total angústia na metamorfose de sentimentos, pelos arrepiados e crescentes sobre a mudança e todas as convicções que pudessem ter ocorrido até ali - entre o desejo enlouquecedor, controle sobre-humano e jaz o que morria na benevolência e nascia animalesco no rumo à nova habilidade de decidir.

Não sei se poderíamos chamar de “A coisa”, mas uma coisa seria, se não, aquilo tudo de até aqui nesse caminho físico do chegar, mais que o andar, num pensamento sem cessar, haja visto, os antecedentes que pudessem descrever, o sumiço, ou a morte, pois seria um desejo crescente ou simples procura do lugar sagrado que pudesse ter algum efeito, certo que sem saber o que realmente poderia ser até àquela altura confusa!

Reza a lenda do contar de boca-a-boca e ouvidos bem atentos e supostamente nada escrito até então, naquele dia exato houvera o encontro com três pessoas, que marcaram para sempre o Jovem Senhor X, isso até chegar em seu destino, transformações em lições - uma criança que mostrará à inquietude, um adulto do grito ao pedido para se erguer e da idosa, essa logo-logo, saberão...

Vejamos que a criança na direção e com irregulares saltitos, olhar rápido no processo entre largar/voltar das mãos dos pais daquela condução, recordava o dia lúdico e mágico, chuvoso do perigo, mas sem qualquer tipo de medo, correndo para as árvores, nas amarelinhas invisíveis, meios fios do equilíbrio e o grito, repentino;

- Pai... O HOMEM precisa de ajuda...!!! (Pois percebeu algo e no mínimo estranho, ou somente foi o momento de captar o desequilíbrio desajustado e descoordenado do balanço horizontal da capa preta, isso sem deixar de destacar o objeto de dúvida pontiagudo que o homem carregava...).

(Nesse instante a criança para e retornou aos pais, diminuindo a velocidade nos passos para que todos dessem a devida atenção, aí um *start* entre o lúdico, cautela e a vontade de *live*).

(O pai) - Meu filho, calma, ele somente desequilibrou no andar rápido, culpa dessa garoa fina, não acha?

(O menino não convencido) - Mas mamãe... Parece diferente, uma pessoa com movimentos esquisitos, como se...se... (A mãe interrompe energicamente).

- “Xi... Pare”! Nada demais meu filho (lançando uma afirmação pontual), deixa ele, pois todos somos diferentes uns dos outros”.

(Enquanto isso) Senhor X ouve de canto de ouvido e rapidamente vê a euforia aliviar, dando espaço a calma para a esperança na conceitualização singela das explicações familiares, sob a base do respeito à todas as diferenças.

Logo mais à frente e uma audição excitada na potencialização do silêncio da noite e por aquela cena, aonde olhares se cruzam de um maneira L E N T A M E N T E na dissincronia ventricular entre mensagem implícita no socorro cristalizado da humanidade, logo deixado pela própria brincadeira a luz da aprendizagem na mirada atenta do futuro arquiteto do mundo, influenciado pela família, conversas, casarões barrocos e todos os tipos de lâmpadas antigas, envolto à fachadas beira ruas nas estreitas calçadas, que dirá a sensibilização do cuidado de conhecer mais das ruas e as famosas, só nesse momento; Casas de Barão de Belgaço, logo depois de ter passado pelo Palácio da Instrução, abaixo do Cine Teatro em nas redondezas e tido entre família observações com distinta qualificação, mesmo que pais de pouca escolaridade,... Mãe costureira e pai carpinteiro de orgulho, competência, sustentado na alegria do aqui-e-agora, mesmo com receio da noite escura.

Passado algumas quadras de distância e o avance entre outro tropeço o olhar para trás, pois a família acelerará sem perceber e pensar na intriga e do olhar inquieto inocente, que em instantes atrás levantará suspeitas da sensação da jovem criança, seria (na cabeça dele); monstro, vampiro ou o primeiro relato do Lobisomem de Cuiabá (por algum lugar começa a lenda, mesmo que urbana)?

MEA ORÊA MISTERIOSA ATÉ A BASÍLICA, Parte II

Martins, Marcio

As fantasias giravam as cabeças e não cessavam, certo, em razão do sono/sonolência beirando o cansaço e das histórias que ficaram para trás daquele dia diferente, pois da contação de Histórias da aula de Língua Portuguesa e dos evidenciados mitos e realidade, não somente de Mato Grosso, mas brasileira, passado no revisitar do Boitatá, Saci-Pererê, Mula Sem Cabeça – Então, porque não imaginar a lenda urbana do simples homem misterioso, com ou sem saco nas costas, e como seria dessa mutação genética da mandinga, ou seria a falta da benção-batizado na família essa com 7 filhos homens, onde o 7º nasceria com sede diferente de todos os outros, seria, possível e logo naquele dia 22 de setembro com eclipse e alinhamento, fazendo 21 anos e 20 horas no 7º badalar do sino, quanto tempo falta em minutos... O que aconteceria?

Enigmático dia de astros alinhados que levaram 21 anos para o encontro de Saturno e Júpiter e 147 metros aproximadamente para a Basílica Bom Jesus de Cuiabá e outros 112 da criança curiosa no olhar fixo para a praça Alencastro na majestosa estrutura do Palácio da Prefeitura na gritante Rua Joaquim Murinho dessa calada e abençoada das almas do cemitério da Piedade, que diria, se não, ou melhor, quem diria trazer o milagrosos e santos Monsenhor Trebaure e o beato Falcãozinho no olhar da fechadura dos planos despercebidos para aqueles que vemos na proteção dos viandeiros da essência cuiabana, centro histórico.

Enfim - Pés na rua Getúlio Vargas e o encontro com o Jovem também num estado de saúde debilitada, ou melhor, alteração que não aparentava de nenhuma substância, digo aqui, álcool e nem drogas, mas sim, algo maior do céu, do universo, quiçá do alinhamento de todas as forças invisíveis e do homem X no rumo do salvamento que apesar dos medos à corrida na extensão dos braços para a acolhida do jovem que estatelava-se de forma perigosa, entre o meio-fio e a rua na direção designada do 7218 crescente do farol na freada arrastada, gritos e suspiros de muitos alívios entre as mãos aos céus e agradecimentos, tal como o apontar para o erro do descuido...

Dentre os vários gritos o de uma senhora chamava a atenção, equipada de guarda-chuva preto, capa amarela e galochas de borracha, lenço colorido e um lindo colar com uma pedra de cristal foi na estridência à paralização de toda a multidão que congelava a cena – andava, parou, mirou e tirou com os olhos o corpo do desastre, isso sem as devidas exatidões, do “ser ou não ser” no susto iminente-irrefutável da transfiguração,... Vale a ressalva que não se aponta ao certo, o grito de susto e seu poder, do salvamento da surpresa ou do testemunho do semblante do senhor X já que tinha um capuz cobrindo seu rosto...

- Uhhhhhaaa... (Um grito conjunto com o Jovem Senhor X se podemos chamar assim, pois pensando na descrição com alguns detalhes do Senhor X ou ficaria melhor Senhor L...?).

- Tudo bem com o senhor? (Grita a senhorinha tentando o olhar nos olhos, isso próximo ao ponto de ônibus, essa aparentemente uma beata que saía da Basílica instantes atrás, e presenciava a situação toda de frente - sem deixar de falar do morador de rua que despertava, sem saber o que se passava, isso, para sua troca cotidiana do dia para as noites).

- Sim...! (Um simples aceno com a cabeça do Senhor X e a evidência do preço pela linha de chegada tão próxima e quem sabe seu atraso).

O grito forte com características humanas e de estatura mediana 1.74m, número aproximado calçado 43, manequim 46, supondo 80 quilos levemente atlético, mas levemente curvado e pelo andar firme sem problemas nos joelhos ou coluna, assim devido a agilidade na qual anda e mesmo cambaleando, retomava seu centro de gravidade celeremente.

O que se poderia imaginar do andar frenético e estranho até seu destino, pois a história se inicia com 5 quadras de distância da Basílica, ou seria da nossa imaginação, pois o caminho dele, pudesse ser por quem aleatoriamente encontrasse, ou, quem sabe ultrapassasse a Santa Igreja?

Antes mesmo que chegassem os guardas municipais, com as sirenes ligadas a aglomeração das pessoas, com o impacto do grito, da queda e da possibilidade do atropelamento o Jovem Senhor X atravessava discretamente a rua calmamente sob a proteção lateral e divina da igreja no sorriso entre o alívio sedento dos passos apurados infinitos, para chegada as escadarias em seu destino,... Destino esse, que traria o veneno ou salvação, problemas ou respostas, sofrimento ou acalento, ali na marcha L E N T A da escalada degrau-a-degrau avançava para a umbral da gratulação;

- *Gracias a la vida;*
- *Grazie per la famiglia;*
- Obrigado pelos passos até aqui...
- *Darkie vir die uitvinder* (Obrigado pelo inventor) do guarda-chuva que não me deixou e nem deixará molhar a minha vizinha ...

Falando para si e em voz) - Agora eu espero que o padre siga na paciência de Jó ouvindo as 20 velhinhas no final da missa, inclusive a minha vizinha, *arigató* God, pois, será um daqueles dias sem petelecos, pois cheguei antes dela vir para a porta.

AO PÉ DA CEREJEIRA

FONSECA, Vinícius

Ao pé da Cerejeira existe um banco em uma praça. O bairro é pacato, quase todos se conhecem. De modo cordial baixam suas cabeças em sinal de respeito uns aos outros ao andar pelas ruas. Aliás, respeito e tradição caminham juntas, é bom que se saiba. Cada pessoa tem uma história. Algumas com feitos heroicos, outras nem tanto, mas todas, absolutamente todas com o seu valor. As tradições são a marca de um povo e transmitir o que se sabe aos mais novos é manter viva a essência de ser quem é e assim sejam capazes de reconhecer suas origens.

Ao pé da Cerejeira existe um banco. A praça está sempre cheia aos finais de semana. Seu Yoshio, homem de certa idade, cerca de uns 80 anos, mantém uma rotina aos sábados. Por décadas, acorda bem cedo, anda pelas ruas, cumprimenta a todos inclinando sua cabeça, sorri a quem devolve o aceno e avança pela praça, cortando caminho pelo corre e corre das crianças, que quase sempre estão aos gritos com os coleguinhas e sob a supervisão atenta dos pais.

Algumas famílias têm cachorros, os levam para passear também. O local fica parecendo um ponto de confraternização entre amigos. É a chance de encontrar quem a semana de trabalho não permitiu ver em dias comuns. Relaxar, pisar na grama e se preparar para um novo ciclo.

Ao pé da Cerejeira existe um banco e ali Yoshio senta para contemplar o horizonte. Apesar do caos urbano em que se vive nas grandes cidades o bairro aparenta estar tranquilo e o senhorzinho parece apreciar a calmaria. Embora faça isso todos os sábados, neste há algo diferente. É início de primavera, a Cerejeira está florida, mas o espetáculo natural este ano tem um sabor amargo. Pela primeira vez ele está sem sua amada Harumi.

O último ano não foi fácil. Ele, que sempre se gabou de boa saúde e quando jovem trabalhou como policial, agora usa bengala e apesar de toda cordialidade que ainda insiste em mostrar às pessoas na rua, a boina que usa ajuda a esconder um semblante triste e amargurado.

Ao pé da Cerejeira existe um banco e o homem sentado nele tira a mão de sua bengala e tateia a madeira, no entanto, encontra um espaço vazio. Naquele mesmo lugar, um ano antes, ele tinha certeza, encontraria o toque de sua esposa. Porém, tais dias foram abruptamente arrancados, assim como inesperadamente as folhas caem das árvores.

A dor lhe toma o peito, a garganta embarga e os olhos ameaçam encher d'água. Trêmulo, recolhe sua mão, devolve para a bengala, fecha os olhos, respira fundo e só depois de se acalmar volta a observar a paisagem.

Ao pé da Cerejeira existe um banco, diferentes histórias e vidas passaram por lá e uma delas é a de Yoshio e sua querida Harumi. Foi para ela que um dia, um jovem policial jurou amor eterno. Hoje a árvore se apresenta carregada de flores. Tamanha beleza não passa despercebida aos olhos dos visitantes da praça. As pessoas ali parecem felizes, mas ele está pensativo.

Olha para o alto, vê as folhas da Cerejeira e logo se recorda da primeira visita que fez ao local pouco depois de casar-se com Harumi. Na cabeça vários planos e um misto de desejo e certeza ecoava em seu ser: - “Essa é a mulher da minha vida, terei filhos e serei o homem mais feliz do mundo ao lado dela”.

Ao pé da Cerejeira existe um banco e anos atrás seu Yoshio, que hoje senta triste no mesmo lugar, sentia-se um rapaz de sorte, pois sabia ter encontrado na linda Harumi, a parte que lhe completava como ser humano.

Fez juras de amor, garantiu nutrir pela moça um sentimento forte feito a árvore. Prometeu ser paciente como quem cuida de uma Cerejeira, uma vez que ela demora a florir. Disse ter a certeza que daquela relação nasceriam frutos. O frescor da juventude e a impetuosidade de quem imaginava ser para sempre pareciam brilhar em seus olhos naquele momento. Hoje, mais experiente, ele prefere deixar tal prepotência de lado.

Ao pé da Cerejeira existe um banco e se hoje é ocupado por alguém que se sente só, um dia serviu para que um casal apaixonado fizesse promessas e fortalecesse o que sentiam um pelo outro.

Com toda a delicadeza que lhe cabia, a jovem Harumi, sorriu ao ouvir de seu destemido esposo os planos para o futuro. A forma poética como tentava descrever o quanto a queria do lado dele. Suas ilustrações comparando o amar à Cerejeira, qualidade de árvore que ela tanto amava.

Ao pé da Cerejeira existe um banco e um dia sentou ali uma jovem de nome Harumi, que hoje faz parte das melhores lembranças de um senhor chamado Yoshio. Uma moça de traços japoneses bem definidos, pele macia e voz doce. Ela ouviu juras de amor em forma de poesia. Escolheu amar de volta um jovem destemido que foi seu companheiro, amigo, amante e pai dos seus filhos.

Ela pareceu até se esquecer que as Cerejeiras são celebradas por remeterem a efemeridade da vida, pois demoram a dar a folhagem e depois de dá-las, em um curto espaço de tempo, é possível ver a beleza ir embora. Assim como a vida passa em um piscar de olhos.

Ao pé da Cerejeira existe um homem sentado em um banco, pensando nas coisas que viveu. Se nem tudo foi bom, há que se comemorar aquilo que lhe marcou e ele carregará nos poucos anos que lhe restam. Depois de uma certa idade se tem cada vez mais certeza de que o tempo é curto e as alegrias raras demais para não serem valorizadas.

As lembranças na mente de Yoshio o fazem reviver o passado como se fosse o presente. Aquele espaço existente na praça marcou muito a sua vida e a de Harumi. Todo ano sentavam ali naquele mesmo lugar. Ao ver crianças brincando ele dá um salto no tempo e se lembra com clareza da primeira vez que levaram a pequena Keiko até o local.

Ao pé da Cerejeira existe um banco e ele já serviu para que um casal pudesse retratar em fotografia a alegria da chegada de uma filha. Escolheram o nome Keiko, pois esperavam por uma criança feliz. Queriam que, desde o nascimento, ela refletisse o sentimento de amor, tão abundante no peito dos pais.

Apesar da difícil tarefa que é educar e cuidar de alguém, ele se enche de satisfação, pois entende que sua pequena Keiko cresceu forte e saudável e deu luz a sua neta, Saori, “árvore de Cerejeira”, para que a família sempre se recorde das lindas histórias vivenciadas na praça. Hoje, a netinha, já moça e grávida, aguarda a vinda de mais um herdeiro dos laços de sangue de Yoshio e Harumi. A criança provavelmente receberá o mesmo nome do bisavô.

Ao pé da Cerejeira existe um banco e nele está um homem de certa idade entre sorrisos e lágrimas. Difícil saber se há mais alegria ou tristeza em seu semblante. Ele olha para o horizonte e vê Keiko e Saori vindo em sua direção. Sua neta, carrega em seu ventre o futuro da família. Yoshio sabe que está próximo ao fim da vida, no ano passado perdeu sua esposa e sente que não demora muito para que seja a sua hora de dar lugar ao novo.

Ele vê as crianças brincando na praça, imagina que logo será a vez do bisneto aprontar uma correria. Keiko e Saori se aproximam, o abraçam e lhe garantem que sabiam

da importância da data para ele. Por isso, justificam, jamais deixariam que o senhor Yoshio a passasse sozinho.

Ao pé da Cerejeira existe um banco e nele está um homem, acompanhado da família, que não para de crescer. Tal homem sente-se feliz e realizado, apesar da falta que lhe faz o amor de sua vida.

Ele olha para a árvore mais uma vez, lembra da efemeridade da vida, lembra do respeito às tradições, da importância de passar ensinamentos aos mais jovens e promete para si mesmo que, assim como as flores de Cerejeira costumam voltar, ele também voltará à praça sempre que possível. Já não se sente mais tão só e sorri.

ENFIM, JUNTOS

SILVA, Bruno Borges; GIBBERT, Paula

- Olhava para sua casa todos os dias. Você nunca me viu. Nunca prestou atenção a um minuto sequer da minha vida. Não conhece minha história de amor por você. Não era para ser assim, mas você não me deu outra opção. Eu te amo, eu te amo, EU TE AMO!
- gritei a plenos pulmões.

- Se eu pudesse te soltar, eu te soltaria, mas, tenho certeza de que fugiria. Vou tirar essa mordaca de você, mas se gritar, serei obrigado a amordaçá-la de novo e eu não quero isso. Quero que você esteja bem durante todo o processo.

Assim que tirei a mordaca, ela começou a gritar:

- Não. Por favor, não! Solte-me desta cadeira! Deixe-me ir para minha casa.

Enquanto ela implorava que eu a soltasse, meu rosto ficou a poucos centímetros do dela e ela cuspiu com raiva nos meus olhos. Assim que percebeu que isso me deixou mais nervoso, desculpou-se. Depois, perguntou:

- Por que você está fazendo isso comigo?

- Alice, eu deixei opções para você, mas nenhuma delas você seguiu. Preferiu a mais difícil. - eu disse e a amordacei novamente. Acariciei-a no rosto, nos cabelos, descendo pelo pescoço, passando pela barriga até alcançar as coxas.

- Que pele macia! E que cabelos lindos! Ruivos, compridos, sedosos...— digo encarando-a docemente.

- Você será linda apenas para mim.

Dizendo isso vou à cozinha e volto com uma tesoura e outros apetrechos dos quais precisaria para realizar a sua purificação. Puxo sua cabeça para trás e corto mechas e mais mechas dos cabelos perfumados dela.

PURIFICAÇÃO. Eu só pensava nisso.

- Você é linda, meu amor. E esse corte nos cabelos é o começo da tua purificação.
- eu disse e percebi que a mordaca escorregou um pouco e ela aproveitou para me xingar novamente:

- Você é um monstro! Um desequilibrado!

- Pensa que vai sair daqui minha querida? Não. Eu vou te purificar. — Retruquei.

Soltei a tesoura, amordacei-a ainda mais forte e peguei a faca que já havia deixado perto de mim. Encostei-a na garganta dela e vi algumas gotas de sangue mancharem a blusa branca que usava. Ela ficou lívida, imóvel.

- Calma. Não precisa ficar assustada. Não, ainda. Não será tão rápido. A purificação é um processo lento.

Ela chorava, tentava gritar; porém a música que eu havia colocado no ambiente impediria que alguém escutasse seus apelos.

- Vai ficar tudo bem. Nós nos encontraremos em breve.

Cheguei mais perto e cortei suas roupas, deixando-a seminua. Apertei mais as cordas que prendiam suas pernas à cadeira. E continuei o meu discurso:

- Quando estávamos na sétima série, você brincava com meus sentimentos – eu disse enquanto passava uma faca da virilha até o joelho deixando um rastro de sangue na sua pele clara.

- Você me chamava de macaco. Dizia que eu era feio e que ninguém iria me amar. Depois ria dizendo que estava só brincando; entretanto depois repetia novamente a mesma coisa: MACACO, MACACO”. Dizia que até um macaco era mais inteligente que eu.

- Você acha que eu esqueci?! Nunca! Isso fica marcado no coração de qualquer pessoa. Ainda mais de um cara apaixonado como eu sou por você desde sempre. Por todos esses pecados, você precisa se purificar. E eu vou te ajudar.

Lágrimas vertiam de seus lindos olhos cor de mel ao perceber o que estava por vir. Comecei a espalhar sal sobre as feridas abertas com a faca. Ela tremia sentindo o ardor na carne viva.

- Você me empurrava, me batia e espalhava boatos sobre mim de coisas que nunca aconteceram.

Levantei-me, rodeei a cadeira ficando atrás dela e segurando forte a nuca de Alice contra minha barriga, peguei na minha lateral o molho de pimenta e, acima dos olhos, deixei um rastro desse produto em linha reta na horizontal de modo que o molho escorresse nos seus olhos.

- Se eu fosse você, não abriria os olhos por um bom tempo.

Dizendo isso, soltei a sua cabeça, apertei uma faca em seu peito. A ponta estava quase perfurando seu tórax na altura do coração.

- Faço isto por amor, porque você não quer ficar comigo. Precisa se purificar dos seus pecados, precisa estar limpa de todo mal para que possamos estar do outro lado. Juntos para sempre. Você está quase limpa, não é glorioso? Falta apenas a purificação do último pecado. Lembra quando estávamos no primeiro ano e você me convidou para ir a sua casa fazermos algo juntos? E lá, você começou a me tocar, beijar e tirar minhas roupas e quando eu, finalmente, estava nu, você riu de mim e o Diego saiu detrás do armário? Pois é... esse é o teu pior pecado.

Naquele momento, pego o machado que deixei escorado na porta -a câmera filmando tudo – e enxuguei as lágrimas que começavam a rolar pelo meu rosto.

- Mas agora vai ser diferente, eu sinto. Por isso, estamos aqui! Sei que me ama e não fez por mal. Meu amor, esse é o momento final da purificação.

E levando o machado para o alto da minha cabeça, desço-o com tamanha velocidade que decapita a cabeça de Alice. Agacho-me, imediatamente, pego a faca, cortando minha garganta e caio ao lado do corpo de minha amada.

- Eu te amo- ainda consegui sussurrar, mesmo sabendo que Alice já não podia mais me ouvir.

TEREZA DOS MEUS SONHOS

PORTELLA, Gilda⁶

Era uma vez uma rainha Tetê...

Assim fui lendo para meu afilhado a história da rainha Tereza de Benguela para ele dormir.

Deixando a narrativa infantil fui dormir imaginando como seria a rainha do Quilombo do Quariterê. Sonhei, fui para outra dimensão, onde surge uma mulher, de rosto magro, fino, maxilar definido, nariz pequeno, e boca desenhada em grossos lábios. Trazia nos olhos doce altivez, emoldurados.

Observando-a melhor vejo-a de porte alto, esguia, quadril largo, emanando força, coragem, pele negra brilhava como as noites estreladas.

Na conversa mental, tempo não existia. Ao se referir a alguma região, vila ou rio, nós íamos no espaço, visitando as paisagens tropicais, ensolaradas, tudo era muito real e agora não sei se estávamos viajando na paisagem ou se ela me induzia a ver/sentir as paisagens e situações conforme suas memórias.

Hesitante perguntei: Tereza de Benguela? Ela suavemente acena com a cabeça. Emocionada, coração pula. A surpresa me acorda.

Tudo real, nítido, eu vi, mesmo, Tereza de Benguela em outra dimensão? Algo aprendi neste encontro de corações que amam a África. Hoje lendo assuntos sobre as civilizações africanas, sinto na alma, se é verdade ou não. Não guardei apenas fatos.

Assimilei emoções, sentimentos, histórias, lembranças ancestrais que ecoam em minha memória sinalizando uma realidade que guardo no espírito.

Me fortaleço ao conhecer-saber a história da ‘batizada’ Tereza de Benguela. Seu nome original jaz na memória coletiva. Quem sabe não fala. Quem fala não sabe. Assim silêncio; seria indelicado dizê-lo incorretamente. Mas é um nome belo e poético.

Para mim o significado do nome seria “*força e a beleza do sol nascendo*”; os primeiros raios precisam de força para romper as nuvens, só assim, o sol começa a brilhar para sinalizar que já se faz dia. E cada dia traz a possibilidade de um recomeço.

‘Benguela’ quem sabe seria o lugar na África onde ela ou sua mãe foi embarcada com destino à escravidão. Pois há, a possibilidade que ela tenha nascido na travessia do continente africano. Suas raízes africanas foram se distanciando, mas sua força ancestral e realeza cresceu nas terras do Grão-Pará, e agora sua vibração pertence ao Brasil, simbolizando liberdade, coragem, união de oprimidos, e coroada novamente, brilha no panteão anti-escravocrata e antirracista.

“Tereza de Benguela” é anseio de liberdade vibrando intensamente no astral do **Estado do Grão-Pará** em direção aos vales dos rios e cachoeiras, planícies e serras. O quilombo em seu ideal de liberdade, emana revigorado com a força da natureza, deságua pelos vales do **Grão-Pará** e se espalha pelo cosmo.

O frescor da mata, o burburinho das águas, a serenidade das pedras, o canto livre dos pássaros, tudo isso revitaliza Tereza de Benguela. Assim ela, atende ao chamado da sua missão de vida, o desejo de liberdade para todos, reverbera intensamente em sua alma. E sua missão se revela.

⁶ Gilda Portella Rocha, pós-graduada em História, Luiz Ferreira Portella e Ergina Rocha Portella, gildaportella.art@gmail.com

Em tal cenário imagino Tereza forjada na justiça equilibradora e mineral de Xangô, no movimento das energias aquáticas e amorosa de Oxum, moldada na ordenança das ferramentas de Ogun, luminosa com a fé de Oxalá.

Assim vejo/sinto rainha Tereza do Quariterê, gerando o Quilombo Grande, com estratégias de defesa e organização política que ilharam seu povo em um mar de possibilidades e sonhos reais.

Sua liderança assistida por conselheiros acolhia negros, índios, homens livres, pobres, onde o 'roçado' de milho, feijão, mandioca, batata doce, e algodão, garantem farta mesa a todos e o tear produzia a roupa e a fabricação de armas protegia o corpo e o território.

Com Tereza a sabedoria, força e união geraram transformação social e adaptação cultural; as lutas fomentaram resistência por justiça, respeito e igualdade.

Tereza é estrela guia, a nos inspirar para que sigamos desconstruindo saberes/lugares sociais que o modelo civilizatório eurocêntrico nos impõe, para que continuemos escrevendo e reescrevendo a história dessas heroínas negras, sob nossas perspectivas, vivências e experiências.

Tereza está aqui se multiplicando quando acolhemos/honramos as que nos antecederam, e quando acolhidas e curadas em nossas dores e sofrimentos, nos fortalecemos na luta antirracista e misógina. Garantir espaço e energia para o autocuidado, para o afeto a nós e às parceiras da caminhada, o reconhecimento de tudo que foi construído e conquistado até aqui são estrelas nascendo na galáxia de Tereza.

TAMBORES

PORTELLA, Gilda⁷

“Seu João” era conhecido como **João dos Tambores** por ter sido, durante anos, ogã na Tenda de São Sebastião e o único fabricante de tambores na região. Já estava velho e meio adoentado, quando, numa tarde, o neto caçula, que ganhara o seu nome veio visitá-lo. Ficavam horas conversando, o menino, era chamado de Netinho, adorava ouvir as histórias do avô e neste dia, quis saber o porquê João dos Tambores. O avô ajeitou-se nos travesseiros e chamou-o, Netinho veio e se aconchegou, enquanto “Seu João”:

-Quando eu tinha quase a sua idade, meu avô, que fabricava tambores, me contou que seu pai havia ouvido dos mais velhos onde morava, a seguinte história.

E começou a narrar, Netinho ouvia atentamente. “Seu João” narrou suas lembranças: *“aprendi com meu avô a fazer os instrumentos musicais há muitos anos atrás, eles têm o poder de invocar os orixás, por isso são sagrados e fazem parte da nossa religião e da nossa identidade”*. Continuou:

-Qualquer dia desses, vou ensinar você a tocar o meu atabaque, está ali guardado, esperando o momento certo, quando ele será seu. Só que antes, terá que apreender a zelar, respeitá-lo, passar azeite de dendê, esticar o couro e alimentá-lo. Assim vai, até o dia que vocês serão unos em coração e alma e tocará lindamente. Hoje vamos começar pelo princípio. Meu avô contou-me como esse objeto foi entregue a nossos antepassados lá na África, onde os primeiros sons de tambores ecoaram.

- Dizia meu avô, que fora na Guiné: *“Segundo diziam, certo dia, os macaquinhos resolveram fazer uma viagem à Lua, a fim de trazê-la para a Terra. Após tanto tentar subir, um deles, teve a ideia de subirem uns por cima dos outros, até que um deles conseguiu chegar à Lua. Porém, a pilha de macacos desmoronou e todos caíram, menos o menor, que ficou pendurado na Lua. Esta lhe deu a mão e o ajudou a subir. A Lua gostou tanto dele que lhe ofereceu, um tamborinho. O macaquinho foi ficando por lá, até que começou a sentir saudades e resolveu voltar para casa. A lua o amarrou ao tamborinho para descê-lo pela corda, pedindo a ele que só tocasse quando chegasse na Terra, para que ela cortasse o fio. O Macaquinho foi descendo, feliz da vida, mas na metade do caminho, tocou o tamborinho. Ao ouvir o som do tambor, a Lua cortou a corda. O Macaquinho caiu, mas antes de morrer, teve tempo de avisar uma moça **que aquele era um tambor dado pela lua aos homens africanos e que deveria ser entregue aos homens do seu país. A moça levou o tambor, contando a todos sobre o ocorrido. Vieram pessoas de todo o país e, naquela terra africana, ouviam-se os primeiros sons de tambor***⁸.

Assim que “Seu João” terminou de contar a origem dos tambores, Netinho já começou a imaginar: “Será que amanhã vovô já vai me dá seu atabaque?” E continuou “Que dia poderei tocar?”. O pelo resto do seu dia só pensava no presente.

Naquela noite, Netinho sonhou que ele se encontrava com seu avô numa festa bonita, onde as pessoas estavam com roupas brancas, haviam vários atabaques sendo tocados e uns conjuntos de vozes entoavam um lindo canto; o ambiente tinha um cheiro que ele

^{7 7} Gilda Portella Rocha, pós-graduada em História, Luiz Ferreira Portella e Ergina Rocha Portella, gildaportella.art@gmail.com

⁸ Adaptação do “*No tempo em que os animais falavam*” de Manoel Ferreira, Coleção Novas Leituras Africanas de Língua Portuguesa Vol. 05, Editorial do Ministério da Educação

reconhecia, o perfume de alfazema que Seu João sempre usara. Seu avô estava mais jovem e andava sem dificuldades, numa grande alegria e ele era um belo adolescente; avô e neto tocavam e cantavam músicas que lhe eram familiares, algumas ele sabia cantar inteiras.

No sonho, ele soube que sabia tocar e cantar, entendeu que era um momento especial, estavam realizando uma curimba ao preto-velho “João das Matas”. Descobriu seus dotes artísticos e saberes religiosos, fora capaz de ativar a corrente energética por meio do canto e do toque e que ambos se complementavam. Era um ritual, ali havia muitos ensinamentos que evocavam imagens fortes e estas, tocavam ao seu coração.

Netinho via que do atabaque saíam cores e elas eram mais brilhantes e mais vivas que as que existem na Terra, pareciam um arco-íris, que envolvia o chão e todas as pessoas do local; ao observar melhor as cores, via que elas estavam ligadas a seres enormes que flutuavam acima de todos. Esses “Gigantes do Bem” emanavam luzes coloridas e no final, parecia que todas as cores se misturavam; os atabaques flutuavam e giravam, e de dentro deles também saíam cores; e tudo girava muito rápido, e parecia uma grande roda gigante de cores.

Naquele dia, Netinho acordou confiante, mas não se lembrava de muita coisa do sonho, só tinha uma certeza: o atabaque seria seu porque sonhou que sabia tocar e estava numa linda festa com luzes coloridas. Foi correndo contar a novidade ao avô, pois tinha uma palavra que não saía da sua cabeça. Entrou e foi logo perguntando:

–Vovô o que é curimba?

O HOMEM QUE IA SE ENTERRAR VIVO

GONÇALVES, Alyne Gomes e GONÇALVES, Ivone Paternez

Esse caso aconteceu de verdade, presenciei. Foi em 1969 ou 68, não me lembro muito bem, foi aqui em Tangará, nos anos 60.

Chegou um casal de fora, acho que eram de circo, o rapaz queria um lugar para fazer uma apresentação, ele ia se “enterrar vivo” e passar a noite toda.

Imagina o alvoroço que virou essa cidade!!! Bom, aqui, naquela época, era mais um povoado do que uma cidade, não tinha nem mil habitantes, não tinha nada pra fazer e tudo virava um acontecimento. Logo estava todo mundo sabendo e comentando, ficávamos imaginando: como seria aquilo? Como alguém podia se enterrar vivo? Será que ele era mágico? Ou que tipo de truque ele sabia fazer? O que será que ele ia fazer?

Minha mãe dizia que ele tinha um cano e que ficaria escondido para ele respirar lá embaixo, o Silvinho, meu irmão, quando via a gente conversando, passava por nós rindo e chamava a gente de bobaiada.

Aí sim, o dia passou agitado, só se falava nisso e nós só esperávamos para ver a apresentação. Ficou decidido que seria na escola que eu dava aulas, era a escolinha rural, onde hoje é a cadeia feminina, em frente à Art Pão, eram apenas duas salas de madeira: a minha e a da Grácia, minha irmã. Como a minha sala já tinha piso de cimento, o Seu José Nodare, que era o responsável por todas as escolinhas da região, decidiu fazer na sala da Grácia. Ele era também o inspetor da escola, e o dinheiro que fosse arrecadado com a apresentação iria ficar para o caixinha da escola.

Fizemos o buraco no meio da sala de aula, em frente ao quadro negro, pensa que loucura “fazer uma buraca dentro de uma sala de aula” e arrumamos os lampiões. Penduramos vários lampiões espalhados. Sim, naquela época não tinha luz elétrica aqui e ficamos aguardando o “espetáculo”. A plateia foi chegando e se acomodando, acho que veio todo mundo que morava na cidade. O Silvinho ficou no canto da sala, em cima de uma cadeira próximo ao buraco que cavamos, ele queria uma posição estratégica pois queria ver como era o truque, porque, afinal, era impossível alguém respirar debaixo da terra.

O rapaz, o tal mágico que iria se enterrar vivo, chegou e se posicionou, logo começou o espetáculo, quando, de repente, entram pela porta da sala de aula: o padre José, seu Arlindo Lopes que era o presidente da caixa escolar e o seu Nilo Torres.

Fizeram um escarcéu lá dentro com a gente, esparramaram todo mundo, esparramaram com o artista, disseram que se tentasse iriam levá-lo preso, acabaram com a nossa festa.

Bom, o mágico ou artista sei lá o que ele era na verdade acabou ficando por aqui na cidade e toda vez que a gente passava por ele minha mãe via ele dizia: Alá! O homem que ia se enterrar vivo!!!

UM DIA ONÍRICO

FONSECA, Vinícius

Dizem que quebrar um espelho, seja de maneira acidental ou de propósito, leva a pessoa ter sete anos de azar. Ícaro foi abandonado pela família, quase não encontra os amigos do passado. Às vezes, não se lembra quem é.

Um 13 de agosto de clima ameno, no entanto, marcará o fim dos dias de pouca sorte na vida do rapaz. Há um vento gelado entrando pela janela, assim como uma pequena quantidade de luz do sol. Ícaro está sozinho em seu quarto. Joga o corpo de lado e se põe sentado à beira da cama, espreguiça, boceja, boceja, espreguiça, alonga, estica e estica e logo está em pé.

Ele dorme em uma suíte confortável, põe os chinelos e vai ao banheiro, lava o rosto, escova os dentes. Volta a ficar próximo da cama, abre os armários e escolhe uma camisa de botões e uma calça de linho. Está pronto para sair. Não sem antes colocar um chapéu e levar consigo, embaixo do braço, uma cópia de Dom Quixote, sua leitura favorita.

A vida não tem dado moleza para Ícaro, é como se enfrentasse moinhos de vento todos os dias nessa loucura cotidiana. Ele nunca foi um cara de sorte e os últimos anos estão acentuando isso. Já não vê mais seus pais. Muito vagamente se lembra de ter irmãos, as brigas de família o tornaram um cara isolado.

Em pouco tempo, Ícaro está frente a um lindo jardim. Desde que passou a morar sozinho essa era a única vantagem de residir naquela região. A vista da janela do seu quarto dava direto para uma espécie de parque com árvores, bancos e pessoas, muitas pessoas. Um lugar movimentado e a poucos passos de casa.

Ali sentava e calmamente lia livros, pensava na vida, refletia e refletia sobre a sua pequenez ante o universo. Sentia-se tão insignificante quanto um grão de areia desprezado até mesmo pelo vento. Tudo mudou naquela manhã de agosto e seu clima ameno:

— Posso me sentar com vocês? — Perguntou a moça, os cabelos cacheados e um sorriso lindo

— Com vocês? Não vê que estou sozinho? — Retrucou, Ícaro.

— Alguém acompanhado de um bom livro nunca está realmente só! — Garantiu a moça dando mais um largo sorriso.

Não demorou muito para Ícaro concluir que alguém com tamanha perspicácia merecia ter onde sentar. Ela trazia consigo uma vasilha e pedaços de bolo recém feitos:

— Obrigada. Estava querendo um lugar um pouco mais sossegado para sentar e comer o meu bolo. Aqui me pareceu o melhor ponto. Sabe, tem muita gente espalhada pelo parque, mas onde estamos é tranquilo.

Ícaro não era afeito as conversas e notou uma moça estranha, mas de bom gosto e sorriso bonito, querendo “encaixar” um papo com alguém. Franziu a testa e tossiu duas vezes, bem de leve, quase como se estivesse tentando tirar um incômodo da garganta:

— Desculpa! Estou atrapalhando sua leitura, né? Quer um pedaço de bolo? Pega um e prometo que não te encho mais o saco.

Na esperança de ter um pouco de paz para ler, ele aceita o bolo e na primeira mordida descobre que a coisa certa é elogiar a estranha:

— Puxa! Que delicioso. Você que fez?

— Sim! Não conta para ninguém, mas eu sonho em ter minha própria confeitaria.

— Diz a moça, o sorriso parece uma constante em seu rosto.

— Se todos os seus bolos forem assim você vai se dar muito bem. — Incentiva, Ícaro.

Os últimos anos do rapaz têm sido bem solitários e esse contexto logo o faz notar que, como há muito tempo, voltou a se sentir bem. Será o efeito da comida gostosa? Será o sorriso da moça? Ele não sabe explicar, só sabe que precisa saber mais e mais. Então fecha o livro colocando-o de lado no banco:

— Como é seu nome? — Pergunta, ele.

— Que desajeitada sou eu, puxei papo, ofereci bolo e nem falei meu nome. Marina, prazer!

— Meu nome é Ícaro, muito prazer também.

— Já me alonguei demais, por favor, não pare sua leitura, já vi que deixou o livro de lado e não quero ser um peso para você.

— Dom Quixote? Não é a primeira vez que leio, meu fiel escudeiro pode esperar.

— Gosto muito de livros de aventura também. Aqui parece um bom lugar para leitura, você tem bom gosto. — Observou a moça.

Aquele foi o começo de uma (quase) interminável tarde de conversa. Sim, eles começaram um bate-papo informal no final da manhã e os gostos, similaridades, prazeres e outras coisas mais eram tão parecidos que tiveram assunto para umas 5 horas seguidas.

Ícaro ficou extasiado, levantou do banco tão empolgado que esqueceu sua cópia de Dom Quixote ali. Não se lembrou de pedir o telefone para a moça, também pudera, não parava de rir.

Por sorte, Marina notou o esquecimento do rapaz, que já estava longe para ser gritado aos ventos, então resolveu guardar o livro consigo. Ao chegar em casa, Ícaro deu falta da obra e também do fato de não ter pedido nenhum dado que permitisse um novo contato com a moça:

— Ai! Meu Deus! Por que o senhor me fez tão azarado? — Resmungava andando pelo quarto e pensando no sorriso de Marina.

Duas horas já haviam passado desde o inusitado encontro no parque. O abatimento estava tomando o lugar da alegria e do êxtase e Ícaro, aos poucos, voltava à solidão de sua medíocre existência no universo.

No entanto, naquele dia de agosto, quando a tarde ia dando adeus e a noite começava a chegar, sua sorte mudou. Trim, trim, trim, toca o telefone:

— Alô, é da casa do Ícaro? — Pergunta uma voz angelical do outro lado da linha.

— Sim, é ele, quem gostaria?

— Não sei se com pretexto de me encontrar, mas você esqueceu o seu livro no banco do parque e eu trouxe para casa. É a Marina, que falou com você hoje. — Apresentou-se a moça aos risos.

Ahh! Os risos, como Ícaro não poderia reconhecê-los. Tão sonoros e encantadores. Seu coração voltou a encher de alegria.

Por cuidado, o rapaz anotava seu nome e telefone na primeira página de todos os seus livros. Um hábito estranho, porém, necessário para quem se julgava tão esquecido na maior parte do tempo.

— Não acredito. Você é a salvação da minha vida. Eu estava preocupado com o livro. — Comemorou o rapaz.

— Eu imaginei! Sabe, não quero ficar com esse livro muito tempo. Tem um barzinho bem underground umas quatro quadras depois do parque. Você pode ir para lá mais tarde? Prometo levar o livro em segurança.

Ícaro topou na hora. As coisas estavam mudando. Ter esquecido o livro no banco do parque já não parecia algo tão ruim e ele ainda poderia ouvir e ver Marina mais uma vez. Um cara de sorte.

Aquele encontro no bar foi apenas mais um dos vários que viriam depois. Não demorou muito e eles começaram a namorar. Todos diziam, “você formam um belo casal”, Ícaro não se continha de tanta felicidade. Decidiram viajar, ir à praia, o porquê? Segundo a moça, “Marina precisa de um banho de mar”. Foram dias realmente felizes.

Ícaro tinha certeza, havia encontrado a mulher da sua vida. Não demorou para ficarem noivos. Nova viagem à praia, o rapaz comprou aliança, um pedido de casamento em frente ao mar, talvez? Quem sabe?

Quem diria que aquele fim de manhã de 13 de agosto mudaria para sempre o jeito de Ícaro ver a vida. Ele está sentado no banco do parque, lê o seu livro favorito, Dom Quixote. Está concentrado e nem percebe que dois homens vestindo branco passam por ele:

— E esse aí? — Pergunta um deles

— Está aqui faz uns 7 anos. Perdeu a noiva em um acidente de carro enquanto voltavam da praia. Entrou em depressão. Na última crise que teve, enquanto ainda morava com os pais, quebrou o espelho do quarto e tentou se cortar com os cacos. A família achou melhor internar, dizem que nunca mais foi o mesmo.

Ícaro olha em direção ao horizonte, o sol ilumina um rosto conhecido e um sorriso lindo:

— Achei que você não viria hoje! Já estava ficando louco.